

Conhecendo a Revista Espírita

O Caminho da Vida (Obras póstumas)

Na Revista Espírita de junho de 1869, encontramos mais um esclarecedor escrito de Allan Kardec, pesquisador incansável que, sempre inspirado pelo plano espiritual, escrevera inúmeros artigos sobre diferentes assuntos. A publicação que iremos analisar faz parte das “Obras póstumas” e é a primeira de uma série de estudos realizados em vida pelo Codificador, mas publicados apenas após a libertação de seu espírito para o mundo maior, ocorrida em 31 de março do mesmo ano.

Com intuito de alicerçar as bases da Doutrina, Kardec, como um arquiteto, projeta fortes pilares para o entendimento da pluralidade das existências, explicando que o Espiritismo considera a alma desencarnada como o estado normal do ser, e as existências corpóreas como intervalos, pequenos períodos de pausa na vida espiritual. Em suas próprias palavras: “É como se em uma viagem de vários anos a gente parasse de vez em quando por algumas horas.”

Assim, ao reencarnar o homem tem a prova da sabedoria de Deus, que permite que ele não se lembre de suas existências corpóreas anteriores. Somente uma pequena reminiscência do passado poderia ser suficiente para colocar em risco sua atual encarnação.

Vamos ver como isso se dá na prática: “...um homem foi assassino e ladrão, foi castigado na vida corporal ou na vida espiritual; arrepende-se e se corrige da primeira tendência, mas não da segunda; na existência seguinte será apenas ladrão; talvez um grande ladrão, mas não mais assassino; um pouco mais tarde não mais roubará, mas poderá ter a veleidade de roubar, o que sua consciência neutralizará; depois desse último esforço todo traço de doença terá desaparecido, ele será um modelo de probidade.”

Agora, imagine se tal homem lembrasse freqüentemente de que em outra vida foi assassino? Com certeza teria muitos entraves para progredir e poderia até sucumbir. E é aí que se revela a Bondade Divina, que não nos permitindo lembrar de uma imperfeição passageira, deixa espaço livre para trabalharmos insistentemente em nosso melhoramento moral: “Durante cada existência damos alguns passos á frente; adquirimos algumas qualidades e despojamo-nos de algumas imperfeições; cada uma delas é, assim, um novo ponto de partida, no qual somos aquilo que nos fizemos, onde tomamos pelo que somos, sem termos que nos inquietar com aquilo que fomos.” Sintetiza o mestre de Lion.

Abaixo citamos integralmente uma comparação que ajuda a compreender as peripécias da vida da alma.

A Longa Estrada

Suponhamos uma longa estrada, em cujo percurso se acham, de distância em distância, mas a intervalos desiguais, florestas que devem ser atravessadas. À entrada de cada floresta a estrada larga e bela é interrompida e só retomada à saída. Um viajante segue essa rota e entra na primeira floresta; mas aí não há trilha batida; é um dédalo inextricável, em cujo meio se perde; a luz do Sol desaparece sob a espessa copa das árvores. Ele erra, sem saber para onde vai; enfim, após fadigas incriveis, chega aos confins da floresta, mas, extenuado, rasgado pelos espinhos, magoado pelas pedras. Ali reencontra a estrada e a luz e prossegue seu caminho, procurando curar suas feridas.

Mais longe encontra uma segunda floresta, onde o esperam as mesmas dificuldades; mas já tem alguma experiência; sabe evitá-las em parte e delas sai com menos contusões. Numa encontra o lenhador que lhe indica a direção a seguir e que o impede de se perder. Em cada nova travessia sua habilidade aumenta, pois os obstáculos são transpostos cada vez mais facilmente; certo de encontrar a bela estrada á saída, essa confiança o anima; depois, sabe

orientar-se para encontrá-la mais facilmente. A estrada conduz ao topo de uma alta montanha, de onde descobre todo o percurso, desde o ponto de partida; também vê as varias florestas que atravessou e se recorda das vicissitudes que experimentou; mas a lembrança não é penosa. Porque chegou ao fim; é como o velho soldado que, na calma do lar, lembra-se das batalhas a que assistiu. Essas florestas disseminadas pela estrada são para ele como pontos negros numa fita branca. Diz ele: "Quando eu estava nessas florestas, sobretudo nas primeiras, como me pareciam longas para atravessar! Parecia-me que jamais chegaria ao fim; tudo se afigurava gigantesco e intransponível em volta de mim. E quando penso que, sem esse bravo lenhador que me pôs no bom caminho, eu talvez ainda lá estivesse! Agora, que considero essas mesmas florestas do ponto de que me encontro, como me parecem pequenas! Parece que as teria transposto com um passo; ainda mais, minha vista penetra e distingo seus menores detalhes; vejo até os passos errados que dei."

Então lhe diz um velho: - Meu filho, estás no fim da viagem; mas um repouso indevido logo te causaria um aborrecimento mortal e te porias a lamentar as vicissitudes que experimentaste e que davam atividade aos teus membros e teu espírito. Daqui vês um grande número de viajantes na estrada que percorreste e que, como tu, correm o risco de se perderem no caminho; tens a experiência e nada mais temes; vai ao seu encontro e, por teus conselhos, trata de os guiar, para que cheguem mais depressa.

O Novo Guia

- Eu lá vou com alegria, responde o nosso homem. Mas, acrescenta ele, por que não há uma estrada direta, desde o ponto de partida até aqui? Isto evitaria que os viajantes passassem por estas florestas abomináveis.

- Meu filho, retoma o velho, olha bem e verás que há muitos que evitam certo número delas; são os que, tendo adquirido mais cedo a experiência necessária, sabem tomar um caminho mais direto e mais curto para chegar; mas tal experiência é fruto do trabalho exigido pelas primeiras travessias, de tal sorte que aqui somente chegam em razão de seu mérito. O que saberias tu mesmo, se por elas não tivesses passado? A atividade que tiveste de desenvolver, os recursos da imaginação que te foram necessários para abrir caminho, aumentaram teus conhecimentos e desenvolveram tua Inteligência; sem isto, serias tão inexperiente quanto em tua partida. E depois, procurando sair do embaraço, tu mesmo contribuístes para melhorar as florestas que atravessaste; o que fizeste é pouco, é imperceptível; pensa, porém, nos milhares de viajantes que fazem outro tanto, e que, trabalhando para si mesmos, sem o suspeitar, trabalham para o bem comum. Não é justo que recebam o salário de seu esforço, pelo repouso que aqui desfrutam? Que direito teriam a este repouso, se nada houvessem feito?

- Meu pai, responde o viajante, numa dessas florestas encontrei um homem que me disse: "Na orelha há um imenso abismo que deve ser transposto de um salto; mas em mil, apenas um consegue; todos os outros caem no fundo de uma fornalha ardente e se perdem sem remissão. Eu não vi esse abismo."

- Meu Filho, é que ele não existe; do contrário, seria uma armadilha abominável, preparada para todos os viajantes que vem a minha casa. Bem sei que lhes é necessário vencer dificuldades, mas também sei que mais cedo ou mais tarde eles as vencerão. Se eu tivesse criado impossibilidades para um só, sabendo que deveria sucumbir, seria uma crueldade, e com mais forte razão se o tivesse feito para um grande número. Esse abismo é uma alegoria, cuja explicação vais ver. Olha a estrada, no intervalo das florestas; entre os viajantes, vês alguns que andam lentamente, com ar jovial; vês esses amigos que se perderam de vista no labirinto da floresta, como são felizes por se reencontrarem à saída. Mas, ao lado deles, há outros que se arrastam penosamente; estão estropiados e imploram a piedade dos transeuntes, porque sofrem cruelmente das feridas que, por própria culpa, fizeram nos

espinheiros. Mas cura-se-ão e isso para eles será uma lição que devem aproveitar na nova floresta a atravessar, da qual sairão menos combalidos. O abismo é a imagem dos males que sofrerão, e dizendo que em mil só um o transporá, aquele homem teve razão, porque o número dos imprudentes é muito grande; mas não estava certo ao dizer que , uma vez caído nele, não mais sairá. Há sempre uma saída para chegar a mim. Vai, meu filho, vai mostrar essa saída que está no fundo do abismo; vai sustentar os feridos da estrada e mostrar o caminho aos que atravessam as florestas.

Enfim. Fazer o bem

A estrada é a imagem da vida espiritual da alma, em cujo percurso somos mais ou menos felizes; as florestas são as existências corporais, nas quais trabalhamos pelo próprio avanço, ao mesmo tempo que na obra geral; o viajante, chegando ao fim e voltando para ajudar os que estão atrasados, é a imagem dos anjos guardiães, missionários de Deus, que encontram sua felicidade na visão da Divindade, mas também na atividade que desenvolvem para fazer o bem e obedecer ao Supremo Senhor.

Allan Kardec

Por Jean Tomceac